



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO VISUAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MICHELLE LORIENT NAVEGANTES VASCONCELLOS

CATUMBI: DECADÊNCIA IRREMEDIÁVEL?

NITERÓI
2011

MICHELLE LORIENT NAVEGANTES VASCONCELLOS

CATUMBI: DECADÊNCIA IRREMEDIÁVEL?

Monografia apresentada ao curso de
Produção Cultural da Universidade
Federal Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de
Bacharel

Orientador: Prof. Dr. LUIZ AUGUSTO FERNANDES RODRIGUES

Niterói
2011

MICHELLE LORIENT NAVEGANTES VASCONCELLOS

CATUMBI: DECADÊNCIA IRREMEDIÁVEL?

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em julho de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues – Orientador

UFF

Prof. Dr. José Mauricio Saldanha Alvarez

UFF

Prof. MsC Hélio Jorge Pereira de Carvalho

UFF

Niterói
2011

Dedico este trabalho ao meu querido marido Mauricio Nahas, por todo apoio, desde o momento da escolha curso e ao longo desses quatro anos. A minha eterna gratidão pela paciência, carinho e amor.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense,

Ao Professor Luiz Augusto F. Rodrigues, pela enorme atenção, apoio e dedicação,

À minha amiga Renata Maury, por todo o apoio principalmente nos momentos turbulentos

À todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho

À toda minha família, pela força e incentivo

Sumário

Introdução.....	07
1. Urbanismo e Sociabilidade	10
2. Identidade e Cotidiano	22
3. Catumbi	
3.1 Histórico.....	31
3.2 Práticas Sociais.....	37
Conclusão.....	41
Bibliografia.....	43
Anexos.....	45

Introdução

(...) Sr. Colan não permite que sua mulher faça amizades no prédio, por não confiar nas pessoas que lá residem. Eles não deixam que seus quatro filhos desçam sozinhos, receosos que alguém os machuque. A consequência disso é que várias famílias colocam todo o tipo de barreira para garantir a segurança pessoal. Elas mantêm os filhos dentro do apartamento para protegê-los de uma vizinhança que desconhecem. Para proteger-se, fazem poucas amizades, quando fazem. (JACOBS, 2009, p.71)

Essa citação retrata precisamente a minha relação com o objeto de estudo desse trabalho, o bairro do Catumbi localizado entre a Zona Sul e o centro da cidade do Rio de Janeiro. O motivo que levou a escolha desse tema foi justamente a temática abordada na citação: a sociabilidade. O fato de o Catumbi sempre ter sido para a minha família e para mim sinônimo de insegurança, de desvio de conduta, de comportamento que não se deve ter, em muito me “afastou” das práticas sociais do bairro. Por conta disso, o meu vínculo com o Catumbi pode ser considerado como quase nenhum já que este sempre foi para mim um lugar de passagem e um lugar dormitório. Poucas foram às vezes em que através da minha vivência colaborei para a construção da vida cotidiana do local.

Além de o Catumbi ter sido para mim um lugar de passagem, muitas vezes ele foi alvo do meu preconceito já que na minha concepção tudo o que envolvia o bairro – seus moradores, sua vida social, sua “ordem”, seu funcionamento - remetia a aspectos degradantes, desvios de conduta etc. Morar no Catumbi significou para mim durante muito tempo um motivo de vergonha.

Sabe-se que o Catumbi sofreu uma grande transformação em sua malha urbana com a construção do viaduto Trinta e Um de Março. Milhares de pessoas foram desalojadas e a parte mais diversificada do comércio foi destruída para dar lugar a esse grande empreendimento. Sua rica vida social não resistiu a essa “modernização” e perdeu forças ao longo do tempo. O local que antes era considerado familiar, com a presença constante de uma rede de confiança entre os moradores e o comércio, se tornou impessoal, inseguro e com uma imagem negativa perante alguns de seus moradores.

Com esse trabalho pretendo abordar toda a trajetória do bairro – as transformações sofridas no âmbito espacial, econômico e social – e os impactos provenientes dessa intervenção urbana que afetou não só o bairro em si, mas também a sua população local.

Poucos são os estudos relacionados com o Catumbi. A sua maioria é voltada para a história do bairro, para o processo de desapropriação e seus desdobramentos. Sendo assim, cria-se a possibilidade de explorar e compreender o possível empobrecimento da identidade cultural do bairro, além de questionar os impactos de um planejamento urbano sobre uma determinada população.

Para o embasamento do tema, utilizei os mais variados teóricos. A primeira foi Jane Jacobs, estudiosa que tem um trabalho brilhante sobre o espaço urbano que envolve tanto a importância de se planejar um projeto urbanístico - pois este pode afetar tanto positiva como negativamente – quanto à de manter a diversidade em suas representações como a rua, as calçadas. Dessa maneira, pode-se entender verdadeiramente os impactos do viaduto Trinta e Um de Março para o Catumbi e seus moradores.

Visando enriquecer ainda mais essa questão do planejamento urbano fiz um paralelo com o teórico Carlos Nelson dos Santos já que ambos concordam que os projetos urbanísticos devem atender as necessidades da população local e não os ideais de modernização implícito nesse planejamento e tão criticado por Jacobs.

Na segunda parte desse trabalho, abordei a temática da sociabilidade que tem como questões a identidade cultural, a apropriação do espaço urbano, a importância do cotidiano e o sentimento de pertencimento que é o responsável pela criação de uma relação entre o indivíduo e o bairro em que mora. Para isso, utilizei teóricos como Stuart Hall, Teixeira Coelho, Paola Jacques e Pierre Mayol.

Na última parte da pesquisa que é voltada para o meu objeto de estudo, o bairro do Catumbi, baseei-me em Mauro Matos estudioso que possui um trabalho sobre o desenvolvimento da história do bairro. Arno Vogel e Carlos Nelson Pereira dos Santos também ajudaram na construção dessa etapa final, pois ambos realizaram pesquisa sobre apropriação do espaço urbano sendo o Catumbi um dos objetos desse estudo.

Para construir uma “nova” imagem do bairro desvinculada de qualquer possibilidade de idéias pré-concebidas, elaborei um questionário com doze perguntas. Elas consistiam em identificar lugares de socialização do Catumbi, em saber se o bairro era bem assistido pelo poder público, se as novas políticas de segurança trouxeram mudanças, se os moradores tinham um vínculo com o local. Ou seja, o questionário tinha por objetivo a identificação de algumas práticas culturais bem como a compreensão da relação entre os moradores em si e o bairro em que moram. Utilizei também a rede social orkut, que me ajudou na construção da imagem do Catumbi de antigamente além de me auxiliar a entender o porquê da escolha do local para morar, mesmo este sendo considerado um lugar ruim.

Com este trabalho pretendi compreender os motivos que levaram a perda da identidade local; apontar a importância da experimentação de um espaço urbano; destacar o papel de um produtor cultural no planejamento urbano.

Capítulo 1: Urbanismo e Sociabilidade

“Há muita gente fazendo coisas diferentes, com motivos diferentes e com fins diferentes, e a arquitetura reflete e expressa essa diferença, que é mais de conteúdo que somente forma. Por serem humanas, as pessoas são o que mais nos interessa.” (RASKIN apud JACOBS, 2009, p.252)

Essa citação é o pontapé inicial para a proposta de discussão desse capítulo que tratará de dois vieses importantíssimos – urbanismo e sociabilidade - para a compreensão da decadência espacial, econômica e social do meu objeto de estudo - o bairro do Catumbi localizado na zona central da cidade do Rio de Janeiro.

Sendo assim, abordei os elementos que compõem a vida urbana e sua diversidade, suas relações e como estes influenciam o cotidiano de seus frequentadores – sejam moradores ou desconhecidos - e fomentam a vitalidade ou monotonia de um determinado lugar. Por fim, entenderemos os motivos que levam à perda de uma identidade local que em sua grande maioria são causadas por equívocos em projetos de reurbanização.

Quando nos referimos ao urbanismo engloba-se tudo o que está relacionado a ele: tipologia de uma construção, configurações de rua, de quarteirão. Porém este não intervém somente na aparência de um determinado local. Ao sugerir novas configurações para uma determinada localidade, o urbanismo mexe nesses modos de vida, nessas relações sociais, nessas histórias. O urbanismo não é somente uma experiência estética é também uma experiência social.

Carlos Nelson Ferreira dos Santos – arquiteto e urbanista considerado um grande urbanista brasileiro - em uma de suas publicações¹ propõe reflexões sobre como se formam e se desenvolvem as cidades, como se ordenam e como se controlam os espaços edificados. Faz uma crítica justamente a essa preocupação exacerbada com a estética que ao longo do século XX no Brasil virou sinônimo dos anseios por progresso e modernização. Além disso, defende a idéia de que a arquitetura e o

¹ SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói, Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988, p.15-17.

urbanismo podem ser instrumentos disciplinadores à medida que seus ideais são usados para a promoção da ordem urbana e para a resolução de problemas sociais.

A dinâmica urbana baseia-se na vivência, na corpografia que os indivíduos dão aos lugares ao buscarem satisfazer as suas necessidades; engloba as práticas sociais que um espaço propõe. Ou seja, a apropriação desse espaço nada mais é do que o seu uso e suas composições. Mas, para que esses usos aconteçam e estimulem a vitalidade de um local é necessário que o mesmo seja composto por alguns elementos.

O principal e o mais importante deles é a calçada, pois através dela entende-se a dinâmica de uma determinada localidade - a segurança, o lazer das crianças, o fluxo do comércio, os contatos informais e espontâneos entre as pessoas, etc. - e o porquê desta ter ou não uma diversidade que é sinônima de prosperidade.

Este tema foi o objeto central dos estudos publicados em 1961 pela jornalista Jane Jacobs. Seu trabalho consistia em criticar os projetos de reurbanização que raramente favoreciam as áreas urbanas a sua volta como teoricamente deveriam. O pensamento da jornalista converge com as reflexões de Carlos Nelson dos Santos, uma vez que muitas das cidades brasileiras são frutos dos mesmos ideários modernistas criticados por Jacobs.

Para legitimizar sua crítica, a autora compara algumas cidades norte-americanas como São Francisco, Nova Iorque e Boston e seus respectivos projetos de revitalização citando aspectos comuns e cotidianos. Visando retratar a questão da diversidade – aspecto muito marcante em seus estudos - Jacobs analisa a dinâmica que se dá entre as ruas e calçadas e seus transeuntes.

As ruas e calçadas são os órgãos vitais de uma cidade. Não servem só a circulação de pessoas, podem ganhar outros usos como: culturais, comerciais, trabalho, lazer etc. Basta à população as usufruírem segundo as suas necessidades e suas vontades inconscientes. Quanto mais viva a calçada mais interessante e seguro será o local, quanto mais monótona e insegura, mais sujeita a delitos será. Isto é, quanto mais as pessoas temem as ruas, menos essas serão utilizadas e se tornarão ainda mais inseguras.

Por isso é fundamental que a localidade ofereça a sua vizinhança uma escolha ampla de percursos – lugares para comprar, comer, ver coisas, tomar bebidas – para satisfazer seu conjunto de necessidades.

Um comércio bem variado é outro aspecto que compõe esse elemento. Este estimula os transeuntes a circularem por todo o local, seja de forma despreocupada, seja proposital. A movimentação de pessoas a trabalho ou que procuram um lugar para comer e beber constitui em si um atrativo para mais pessoas. Quanto maior e mais diversificado for o leque de interesses que as localidades possam satisfazer, melhor para as ruas, e conseqüentemente para a segurança e a sociabilidade.

Os bairros assim como as ruas, as calçadas e o comércio são as peças dessa composição da dinâmica urbana. Um bairro precisa atender a demanda de necessidades de seus moradores, e ser cômodo nesse atendimento, pois esses habitantes dependem dele no cotidiano que levam. O bairro precisa do comércio assim como o comércio precisa das pessoas.

É a partir dessas oportunidades, que os moradores compartilham espontaneamente dos mesmos interesses, gostos similares e complementares e formam uma rede de confiança que ajuda a florescer a vida urbana e conseqüentemente a diversidade. Como afirma Jacobs, “Tais relacionamentos podem durar anos, e duram, anos a fio, décadas; nunca poderiam ter-se formado sem aquele limite, muito menos ser prolongado. Formam-se exatamente porque estão ao alcance das pessoas em suas saídas costumeiras”. (2009, p. 67-68)

A citação acima justifica a necessidade de se manter a rede de relacionamentos em uma determinada localidade. Por isso antes de intervir em um local com o propósito de ordená-lo ou torná-lo mais belo, deve-se analisar os elementos que compõe esse cotidiano tornando o projeto apropriado para a localidade. Quando propostas de intervenção urbana levam à segregação espacial de um bairro, ou parte deste, isto costuma enfraquecer suas redes sociais, seus usos, sua história, suas figuras representativas e conseqüentemente a vitalidade e a diversidade do local.

Outro fator que deriva dessa diversidade de usos, de comércios, de ruas vivas e movimentadas, é uma maior e mais profunda relação identitária entre os usuários do espaço e com isso um maior fortalecimento de uma história local. Outra perspectiva a

ser apontada é quanto mais um bairro é seguro e útil para o cotidiano de seus moradores, mais difícil será a migração de pessoas. Essas pessoas permanecendo no bairro por um longo tempo, passam a vivenciar seu cotidiano, compartilhando-o com os outros e compondo consciente e inconscientemente a história do local. Além disso, a perda do capital social² resulta na perda da renda gerada por ele.

A diversidade é um processo natural das grandes cidades, porém este não ocorre naturalmente. Ele se dá por causa das combinações de usos que sustentam o lugar. A própria diversidade urbana estimula mais diversidade. Entretanto, essa diversidade é fruto da interação econômica e da combinação de usos que as pessoas dão e funciona como imã.

É importante lembrar que um bairro jamais pode ser restrito - faixa estreita de renda, gostos, interesses – senão dessa maneira o local não estimulará a permanência de pessoas, e se transformará em local de passagem. Foi exatamente isso o que aconteceu com o Catumbi. Um lugar antes exuberante de vida, comércio, de pessoas, foi descaracterizado, desenraizou seus moradores e se reduziu a um local de passagem. Veremos adiante os fatores que levaram a essa transformação do bairro.

Para Jacobs são quatro as condições para se gerar diversidade em um determinado local. Estas precisam dialogar entre si e a ausência de qualquer uma delas inutiliza o potencial do lugar. São elas: uso de mais de uma função principal de uma determinada localidade garantindo a presença a todo instante de pessoas; quadras curtas que facilitam a locomoção; prédios com idades e estados de conservação diferentes de modo a incorporar indivíduos com rendimento econômico variado e a densidade alta de pessoas.

Cada aspecto desse tem suas particularidades. O primeiro mostra que a combinação de usos - trabalho, lazer, cultural, comercial, residencial - proporciona às ruas o maior número de pessoas em intervalos curtos a cada hora ao longo dia, legitimando ainda mais a vitalidade das ruas. O segundo sugere que as quadras curtas são benéficas tanto para a locomoção de pessoas quanto para o comércio, pois estas

² Capital Social é a rede de relações pessoais que formam o tecido social. Quanto mais complexa maior a rede de confiança. Quanto maior a capacidade dessas pessoas se associarem a interesses comuns, maior o desenvolvimento da localidade.

favorecem os usos das esquinas, trajetos diversificados, diferentes e um conseqüente encontro espontâneo de pessoas e de necessidades.

A terceira trata que as diversas edificações sejam de idade ou sejam de aparência, contribuam para a diversidade empresarial, populacional e panorâmica devido a sua variedade de preço. Já o quarto e último aspecto é baseado na alta densidade populacional. Quanto maior essa densidade maior será o aumento da diversidade e vitalidade porque é essa população que dinamiza a vida urbana ao utilizar os parques, as ruas, os estabelecimentos.

Como foi dito acima essas condições precisam caminhar juntas, uma não pode andar sem a outra, e todas elas têm um único objetivo: gerar diversidade em um determinado local. Se essa localidade já for atraente, o será ainda mais, pois “os visitantes farejam os locais em que haja vida e os procuram para compartilhar dela, alimentando-a ainda mais.” (JACOBS, 2009, p.163)

Contrariando a vitalidade das ruas e as diversidades sociais, comerciais e residenciais está o bairro do Catumbi, meu objeto de estudo desse trabalho. O Catumbi, antes do processo de reurbanização iniciado em 1967, era um bairro bom de se viver segundo relatos de moradores. Sua vida social era muito intensa. Havia uma grande quantidade de blocos de carnaval, de turmas de ruas, de festas para celebrar a copa, de festas religiosas, etc.

Caracterizava-se como sendo um bairro tranqüilo, muitas vezes comparado a uma cidade pequena, pois os moradores tinham uma relação de cumplicidade, confiança e solidariedade. As crianças faziam da rua a extensão de suas casas, o comércio era diversificado - chegando a haver fábricas no local - e existia uma rede de favores e de confiança entre os donos dos estabelecimentos e os moradores. Havia a conjugação entre trabalho e lazer.

Entretanto, o projeto de reurbanização do Catumbi - que consistia na desapropriação em massa do bairro - tinha dois objetivos principais: dar lugar à modernização e a um novo modo de vida. Em função disso pode-se dizer que o Catumbi seja o marco da tragédia da renovação urbana.

Os anseios por progresso dominaram os projetos de renovação urbana das cidades brasileiras sendo o Rio de Janeiro uma das que mais sofreram intervenções - a

começar pela Reforma de Pereira Passos nos anos de 1903 a 1906. Todas elas convergiam em um aspecto: saneamento das áreas centrais desapropriando a população mais pobre, destruindo grandes áreas para reedificá-las com o intuito de embelezá-las e embutir um discurso de ordem. Dessa maneira separaram-se os usos e pretendia-se construir um espaço bem organizado.

Os urbanistas combatem a diversidade de usos, pois para eles esta tem a desvantagem da má aparência sendo em muitos casos sinônimo de bagunça. A primeira providência que tomam - quando dispõem de verbas – é destruir essa mistura de usos buscando implementar a tão sonhada setorização do ideal urbano modernista.

Esse racionalismo, com o objetivo de criar e aproveitar espaços, acabou destruindo a noção de lugar, as ruas, os cotidianos gerando desconforto e insegurança. Além disso, contribuiu erroneamente para a construção das bases do processo de reurbanização, transformando-a na coisa estéril, rígida e vazia que é. Os princípios da setorização modernista chegam a separar não apenas funções diferentes, mas grupos sociais diversos.

Em uma de suas publicações Santos destaca a pouca preocupação que arquitetos e urbanistas tinham com a execução de projetos que não analisavam os possíveis impactos sobre a população local. Essa ênfase na forma e não nos usuários dos espaços levou a que fossem criados modelos orientadores das formas das cidades tornando-os absolutos. Conseqüência: a sociedade passou a viver nessas fôrmas. Essa padronização criou lugares insossos, sem vida, sem atrativos para a sociedade no geral.

Devido a esse planejamento - ou pode-se dizer “desplanejamento” - o Catumbi se tornou um local sem vivacidade, estigmatizado por conta da violência, com alguns prédios históricos invadidos e pracinhas abandonadas tornando-se um atrativo para os moradores de rua que degradam ainda mais o local. Mas, a presença desses sujeitos por mais degradante que seja, legitima a existência de lugares em que existe uma vida urbana que não é domesticada, nem padronizada. Constituem-se aquilo que Milton Santos denominou de “espaços opacos” (espaços de resistência aos espaços espetacularizados).

Surgiram também áreas inóspitas no bairro. Lugares que antes eram referências de socialização tornaram-se decadentes, impessoais fazendo com que o Catumbi virasse somente um lugar de passagem.



Figura 1: Imagem do processo de desapropriação do bairro que gerou grandes vazios e áreas inóspitas

A importância dessa rede de relacionamentos é retratada por Harrison Salisbury no livro da Jacobs (2009, p149-150):

Mas [prosegue Salisbury] quando se inicia o despejo dos cortiços em determinadas áreas, ele não só destrói casas malcuidadas; ele desenraiza os moradores. Desfaz igrejas. Arruína os comerciantes. Transfere o advogado do bairro para um escritório novo no centro e desfigura irremediavelmente a malha fechada das amizades na comunidade e na relação entre grupos.

Ele arranca os antigos moradores de seu apartamento deteriorado ou de sua casa modesta e os obriga a encontrar um lugar novo e desconhecido. Ele despeja em outro bairro centenas, milhares e rostos novos (...)

É preciso ressaltar que a construção dessa imagem está diretamente ligada ao fato de o Catumbi ter se tornado um local “cego” dentro da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, é sinônimo de insegurança, com pouca movimentação em suas ruas – principalmente à noite. A monotonia é presente nesse bairro.

O que de fato acentuou a opacidade do bairro foi à construção do Viaduto Trinta e Um de Março que liga a zona sul a diversas localidades do Rio de Janeiro. Para a sua construção desapropriou-se um grande contingente da população local (por coincidência a área mais nobre e diversificada do bairro). Nesse espaço haviam inúmeras opções de comércio, de lazer, de consultórios médicos, além de ser a união entre os bairros do Catumbi e de Santa Tereza.

Essa intervenção modificou totalmente o cotidiano desses moradores. Locais que antes propiciavam as trocas, os encontros espontâneos, a comodidade propiciada pela diversidade comercial, transformaram-se em lugares apáticos, com poucas opções de trajetos. Como a locomoção dos transeuntes foi prejudicada, as ruas próximas a essa “barreira” passaram a não ter utilidade para as pessoas. Essa pouca movimentação e a simplificação dos usos que as ruas passaram a ter, contribuíram para o bairro se tornar um lugar morto, com poucos freqüentadores.

Se muitos relacionamentos que levaram anos para se desenvolver forem rompidos de repente, pode ocorrer todo tipo de estragos nos bairros – um estrago, uma instabilidade e uma impotência tais que às vezes parece que o tempo nunca mais irá recuperar seu ritmo. (JACOBS, 2009, p.149)

A partir de então, o Catumbi que antes possuía usos principais ³variados em suas ruas passa a desfrutar apenas de um – o residencial. Sendo assim, o pouco

³ Usos principais = aqueles que por si só atraem pessoas a um lugar específico porque funcionam como âncoras. Podem ser: trabalho, lazer, residencial, consumo etc.

comércio que ainda permanece conta com um número reduzido e esporádico de pessoas. Reduzindo-se o número de consumidores, diminui-se também a capacidade de sustentação desse comércio e é assim que os usos econômicos decadentes – funerárias, ferros-velhos, oficinas, estacionamentos - começam a ganhar espaço.

Como o bairro já não atende mais às demandas de seus moradores, houve um aumento significativo na frequência da utilização dos automóveis. Se antes era possível caminhar pela localidade com o intuito de os moradores suprirem as suas necessidades, hoje isso já não o é mais. A população precisa se deslocar para outras localidades para terem suas necessidades atendidas. Mais um fator que contribui para que as ruas do bairro sejam monótonas.

Quanto mais variada e concentrada for a diversidade de determinada área, maior a oportunidade de caminhar. Essas áreas funcionam como um ímã sobre a população. Geralmente outras pessoas se deslocam de automóveis para essas áreas vivas e diversificadas e caminham ao chegar lá. A quantidade de pessoas nas grandes cidades deveria ser considerada como um trunfo, pois dessa forma a vida urbana floresce.

A idéia de se livrar das ruas menosprezando a sua função social é a arma mais nociva e destrutiva do planejamento urbano. Este não pode em hipótese alguma ter a função de homogeneizar pessoas, modos de vida, usos etc. Reduzir o adensamento das cidades não garante a segurança contra o crime e nem previne o seu temor. Pelo contrário, é a mistura constante de pessoas que se fazem presentes por finalidades diferentes é o único meio de manter a segurança nas ruas.

A barreira física do Catumbi – o Viaduto Trinta e Um de Março - criou uma barreira imaginária, porém intransponível entre os habitantes e o bairro: o anseio por mudança. Os moradores não se apegam ao local e assim que surge uma oportunidade se mudam para outras localidades. Essa flutuação populacional é muitas vezes uma característica de bairros inadequados e sem diversidade.

A falta de magnetismo no Catumbi proveniente da constante monotonia residencial⁴ não consegue atrair moradores novos por opção própria, nem empresas capazes de fazer sucesso. Dessa maneira, o bairro possui uma incapacidade de

⁴ Entende-se por monotonia residencial a falta de condições para atender as necessidades da população local, falta de opções de comércio, entretenimento, falta de vida nas ruas.

renovar-se e de ser procurado por uma nova geração de habitantes. Constatação parecida pode ser encontrada nas pesquisas de Jacobs (2009, p.164): “é triste que ele seja assim; triste para as pessoas que lá moram atualmente, triste para as pessoas que no futuro o herdarão pela falta de opção financeira e triste demais para a cidade como um todo.”

São visíveis os sinais do processo de degradação no bairro do Catumbi. Poucos estabelecimentos conseguiram se manter; há imóveis vazios, mal-conservados e alguns foram invadidos; rua após rua dominada pelo marasmo. Além do movimento de pessoas ser baixo e pontual, as ruas são escuras.

A mortificação do Catumbi é proveniente do planejamento urbano que cria novas configurações para determinado local sem levar em conta que impactos essas intervenções teriam para a população local. Dessa maneira, cidades inteiras serão construídas sob o fantasma da insegurança e estas serão reurbanizadas deliberadamente. Constrói-se o novo, pode-se até mesmo enchê-lo de pessoas, mas mesmo assim o lugar fica sem alma, sem vida.

Entretanto, o erro não está em intervir no espaço através de estudos preliminares. Como foi dito acima, o que falta é analisar profundamente esses impactos no local e na sua população para poder atribuir novas práticas, novos pressupostos para a política de reurbanização. É necessária avaliação contínua feita pelos que propuseram o projeto e os que foram afetados por ele.

Após o processo de desapropriação o Catumbi passaria por outra intervenção, só que dessa vez menor. A princípio as melhorias que tinham sido previstas não foram tão significativas. Segundo jornais da época esse projeto de “revitalização” consistia em construir pequenos prédios para 1600 famílias que ficaram sem casa devido ao processo de desapropriação e um complexo desportivo nos arredores do viaduto Trinta e Um de Março. Além disso, o largo do Catumbi seria ampliado. Esse largo ganharia uma praça com um chafariz no meio, dois quiosques para a venda de flores e um pequeno estacionamento. As calçadas seriam ampliadas nesse trecho até o final da Rua Catumbi onde predominam os Casarões do século XIX.

De acordo com o presidente da Associação de Moradores dessa época, o projeto não contemplava os sonhos dos moradores, mas poderia significar uma melhoria no

bairro. Já para uma moradora entrevistada poderia devolver a familiaridade do bairro perdida na desapropriação. Porém, de fato, a construção do complexo desportivo e da praça só trouxeram problemas e contribuíram ainda mais para a degradação do bairro.

O complexo desportivo virou abrigo para moradores de rua. As quadras de futebol raramente atendiam ao seu uso principal – lazer, socialização. Esses moradores deram outros usos – moradia e trabalho. Os bancos que eram para sentar se transformaram em varais já que suas roupas eram lavadas e secadas na localidade; o lixo espalhado por toda a parte que servia para essa pequena população ganhar algum dinheiro. Até lava-jato montaram nesse “abrigo”. Ou seja, um conjunto de resultados que degradam ainda mais o bairro. Como aposta Jacobs (2009, p.107): “Superpopulação, degradação, crime e outras formas de decadência urbana são sintomas superficiais de um fracasso econômico e funcional mais profundo do bairro”.

Atualmente o complexo virou estacionamento de caminhões da Comlurb - empresa responsável pela limpeza da cidade do Rio de Janeiro. Já a pracinha também ganhou os mesmos usos que esse complexo desportivo além de virar ponto de venda e consumo de crack.

As duas intervenções que o Catumbi sofreu resultou no surgimento e no aumento do medo que seus moradores e alguns habitantes do Rio de Janeiro tem de freqüentar o bairro ou de simplesmente passar por ele.

Seja iniciativa pública ou privada, a configuração do espaço sempre resulta na ação e /ou omissão do governo. Se um projeto urbanístico não atuar no cerne da questão – falta de vitalidade do bairro - só se substituirá à velha estagnação pela nova.

Nota-se que o mercado e o governo são responsáveis tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso de uma cidade. Tudo depende de suas formas de atuação. Ao mesmo tempo em que pode impulsionar um local financiando novos estabelecimentos, residências, etc., pode impulsionar o fracasso ao extinguir a vida urbana ao invés de aumentá-la.

Portanto para implementar projetos de revitalização é fundamental que:

1. A população conheça as regras, as leis, os direitos, os comportamentos que regem o espaço urbano, pois dessa maneira todos se tornarão fiscais do que for a compreensão e dos interesses comuns.

2. Haja uma articulação entre a sociedade civil e os setores envolvidos, pois são esses habitantes que utilizam o local e serão afetados por qualquer intervenção que se faça.
3. Encontre-se mecanismos que garantam a participação dessa população na elaboração dos projetos e na sua implementação

O governo precisa estar atento para que esses projetos de revitalização não virem sinônimos de jogos políticos e econômicos que resultem em um processo de desapropriação da população.

Capítulo 2: Identidade e Cotidiano

O capítulo anterior tratou da construção do binômio sociabilidade/urbanismo, além da questão da perda da identidade local do meu objeto de estudo – o Catumbi. Procurou-se discutir, mesmo que brevemente, que tal perda (e/ou enfraquecimento) pode ter sido provocada pela maneira como espaços ou equipamentos urbanos são projetados pelos urbanistas e arquitetos. Neste capítulo, discutirei sobre o processo de construção da sociabilidade num espaço urbano e como ele envolve aspectos como corpografias urbanas, práticas sociais, sentimento de pertencimento - conceitos que serão trabalhados no decorrer dessa discussão. Para compreender o desenvolvimento dessa construção começarei abordando questões sobre identidade (o que é, sua crise, seu resignificado) que é um dos pilares que compõe a sociabilidade.

Identidade pode ser entendida como um processo de identificação no qual um indivíduo se reconhece como tal através dos conceitos de gênero, sexualidade, raça, etnia. Esses conceitos, juntamente com a interação entre esse “eu” e o “outro” – que pode ser entendido como a sociedade na qual esse “eu” está inserido - ajudam a solidificar o indivíduo como ser social. Com o passar do tempo o conceito de identidade se desenvolveu, não se restringindo somente à questão da raça, da etnia ou da sexualidade. Atualmente essa definição pode ser considerada como a apropriação dos valores e significados de uma sociedade e a projeção dos mesmos por um indivíduo que se reconhece como parte dela e cria despropositadamente a sua identidade cultural.

Entretanto essas identidades estão em crise e podem estar abalando as referências que os sujeitos tenham de si mesmo enquanto indivíduos e como seres sociais. Estudiosos vêm apontando que as velhas identidades estão em declínio fazendo com que surjam novas, além de provocar a divisão do sujeito até então considerado unificado. Foram as transformações ocorridas na estrutura das sociedades modernas do final do século XX que descentralizaram, deslocaram as identidades. Essas mudanças estão gerando em cada indivíduo a perda de “um sentido de si” abalando suas identidades sociais, a idéia que o sujeito tem de si mesmo como um ser integrado.

O sujeito que antes possuía uma identidade estável e unificada está se fragmentando, apontando-o como alguém composto não só de uma, mas de várias identidades. O indivíduo pós-moderno não possui uma identidade fixa, permanente. Ela está em constante mutação e é construída através da interação entre os indivíduos de um meio social, dos diversos contatos que fazem no nosso cotidiano, da influência que sofrem dos modos culturais⁵ que estão em voga. Dessa maneira “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.” (HALL, 2006, p.13)

A globalização pode ser um dos aspectos que esteja contribuindo para essa instabilidade das identidades. Suas idéias consistem na diminuição de distâncias, na interconexão de pessoas, de comunidades, de organizações em novas combinações de espaço-tempo fazendo com que o mundo se torne um só e se transforme numa grande aldeia global.

Sendo assim, como aponta Stuart Hall, teme-se que algumas identidades desapareçam já que as mesmas foram desvinculadas do tempo, lugar, espaço, histórias, tradições; que surja a homogeneização cultural, pois a vida social pode ser mediada por um mercado global de estilos, lugares, imagens. O autor aponta também o temor de que as identidades nacionais - não mais representem vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares criando a idéia de pertencimento - entrem em declínio fazendo com que apareçam novas identidades que tomarão o seu lugar.

É quase improvável que o processo de globalização tenha um efeito tão avassalador nas questões que envolvem a identidade. Primeiro porque ela é desigualmente distribuída ao longo do globo entre as regiões e entre os diferentes estratos da população dentro dessas regiões. Segundo é que ela cria nichos no mercado explorando a diferenciação local criando conseqüentemente uma nova articulação entre global e local.

Entretanto a globalização pode produzir novas identificações e identidades globais já que “ela tem o efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas.” (HALL, 2006, p.87)

⁵ Modo cultural é um tipo de manifestação cultural que pode ser cinema, teatro, livro, arquitetura.

Podemos lançar mão também das reflexões de Teixeira Coelho (2004, p.201) quando aponta que a identidade cultural é “um sistema de representação das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção. No núcleo dessa identidade aparecem os comportamentos informalmente ritualizados”. A vida social presente nos bairros, nas cidades - ou pelo menos supõe-se que deveriam estar - é um exemplo desse comportamento.

A “estrutura” da vida social pode ser entendida como composta por uma rede de relações que se formou ao longo do tempo através dos hábitos cotidianos – como, por exemplo: ir à feira, conversar com os vizinhos na rua – e, esta rede contribui para a formação das práticas culturais⁶ do bairro e conseqüentemente sua identidade. Ou seja, são essas práticas que dão forma a um espaço urbano e a sua identidade cultural.

E o que seria “dar forma” a um lugar? Paola Jacques – teórica e professora de arquitetura e urbanismo - em seus estudos sobre o que a autora denomina de Corpografias Urbanas, explica exatamente isso. “Dar forma” a um lugar consiste na experiência corporal de um indivíduo a partir dessa prática cotidiana. Esta ocorre quando esse sujeito participa de um determinado espaço urbano como local de socialização, de trocas. O que importa aqui é a vivência, a apropriação desse espaço e não as representações que se tem dele.

A experiência corporal – do qual a teórica se refere a todo instante em seus estudos – enquanto prática cotidiana é uma forma de se combater os espaços cenários que são lugares desencarnados, sem vida. Esses locais atuam como meras projeções de lugares de trabalho, de residência, de lazer, criados por nós e pelo ritmo acelerado da contemporaneidade na qual o indivíduo apenas passa e não vivenciando o espaço em que se está inserido.

Um local só deixa de ser cenário no momento em que é praticado. São os pedestres, transeuntes que atualizam os lugares através da sua experiência nesses espaços. Os urbanistas indicam os usos para as localidades projetadas, mas são os praticantes que determinam os usos que serão dados. O espaço é reinventado no cotidiano através das vivências do local por esses praticantes. É sobretudo essa

⁶ Prática cultural é toda atividade de produção e recepção cultural.

experimentação do urbano que cria o seu “corpo” e o tira um local da condição de espaço desencarnado.

A corpografia urbana é essa experiência corporal através da prática da errância, composta por desvios e atalhos, que é uma forma voluntária e consciente de se praticar um espaço. Para isso, o errante deve deixar de lado seus condicionamentos urbanos tornando-se “desorientado”. Essa forma de apropriação que o errante utiliza é sinônimo da prática efetiva do cotidiano e da construção de uma relação mais próxima e visceral com o espaço urbano. No momento em que o “corpo” urbano é experimentado este – para sobreviver e resistir – “se inscreve” automaticamente no corpo de quem o pratica.

É a presença desse corpo que “dá forma” que consolida a inserção de um sujeito em um espaço. O bairro pode ser considerado uma organização coletiva de trajetórias individuais inauguradas por uma pessoa a partir do seu local de moradia. Nele o usuário impõe seus itinerários seja para uso ou prazer, suas necessidades, sua maneira de consumir o espaço urbano criando para si lugares de aconchegos e conveniência. Sendo assim, o lugar vai ganhando forma através dessas escolhas e dessa movimentação.

Ao se apropriar do espaço urbano o indivíduo exercita a questão binária do espaço público/espço privado⁷ - presente não só no bairro, mas também nas cidades. Ao praticar o espaço do bairro o indivíduo se apropria e privatiza o espaço público através dos trajetos cotidianos, da relação com a vizinhança e com os comerciantes, do conhecimento dos lugares. Tudo isso se organiza formando um dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna um objeto de conhecimento e um lugar de reconhecimento. O aumento da ação urbana através de repetições corpográficas exigidas pela vida cotidiana – idas aos mercados, passeios com o cachorro na vizinhança, encontros despropositados que terminam em uma boa conversa, etc. - ajudam um indivíduo a construir a sua noção de bairro e seu vínculo para com ele. Ou seja, esse indivíduo se sente atraído pelas particularidades das redondezas que se mostram úteis, interessantes e convenientes.

⁷ Espaço privado é aquele voltado para o uso particularizado onde a relação de ir e vir não pode ser exercida em sua totalidade. O espaço público é voltado totalmente para o uso coletivo.

Pode-se dizer que o bairro é o lugar onde se manifesta um "engajamento" social, onde os indivíduos interagem um com os outros através da repetição constante das práticas de consumo, de lazer e das conversas, das trocas de cordialidade (dizer um bom dia, uma boa tarde, um obrigado). É através da repetição desses hábitos que o indivíduo passa a exercer sua ligação com o bairro e sai da posição de figura desconhecida para figura conhecida. A mudança de papéis – de desconhecido para conhecido - é potencializada pela questão da proximidade espacial que envolve o sujeito e seus vizinhos. Para Mayol (2009, p.80) "a longa prática da vizinhança, enriquece de maneira notável o sentimento de 'pertença'."

O vínculo com o bairro ocorre graças aos deslocamentos do dia-a-dia provenientes do suprimento das necessidades de um sujeito e da atratividade que o local oferece. Esse fato envolve o comércio e as pessoas que compõe esse tecido urbano.

No Catumbi a construção do vínculo entre os moradores e o bairro é marcada por dois momentos. O primeiro refere-se à época áurea do bairro onde segundo relatos ainda era um local bom de se morar. O segundo momento é o Catumbi após o processo de desapropriação realizado na década de 1960 para a implementação das intervenções urbanas – Sambódromo e Viaduto Trinta e Um de Março.



Figura 2 - Catumbi em 1950 antes do projeto de reurbanização que consistia em desapropriar grande parte dos moradores



Figura 3 – Catumbi atualmente. Essa é a mesma área da imagem acima só que agora com o viaduto Trinta e Um de Março.

Segundo relatos o Catumbi possuía um comércio grande e diversificado. Os moradores raramente precisavam se deslocar para outras localidades para terem os seus desejos atendidos. A vida social também era muito intensa e variada. Havia uma grande quantidade de blocos de carnaval, de turmas de ruas, de festas para celebrar a copa, de festas religiosas etc. Como a “estrutura” do bairro era mais diversificada e intensa, os moradores praticavam constantemente as repetições corpográficas da vida cotidiana que como vimos acima resulta na identificação entre o sujeito e o seu local de moradia.

Após as transformações urbanas ocorridas, o bairro já não era mais o mesmo. Houve uma retração significativa do comércio e dessa vida social. A partir de então, o vínculo que antes era praticado e alimentado constantemente transformou-se em algo superficial, pois os moradores já não exerciam tanto as suas repetições corpográficas. Dessa maneira essa ligação restringiu-se a troca de cordialidade – bom dia, boa tarde,

obrigado. Atualmente, os moradores se deslocam freqüentemente para outros lugares alimentado a vida cotidiana e social de outros bairros e empobrecendo a do seu. Sendo assim, fazem do Catumbi apenas um local de descanso.

O bairro não deve se restringir somente aos seus usos diretos. Ele é uma potencialidade para um indivíduo exercer um ato cultural através da socialização, do exercício de convivência com seus vizinhos, comerciantes etc. Ou seja, é nesse espaço de relação com o outro como ser social que se constitui as práticas sociais e culturais do bairro. “A prática do bairro é desde a infância uma técnica de reconhecimento do espaço enquanto social”, afirma MAYOL (2009, p. 43).

Entretanto essas práticas sociais e culturais não se dão de uma forma qualquer. A dinâmica dessas práticas que resultam no surgimento da vida cotidiana se sustenta em dois pontos essenciais: o comportamento e os benefícios obtidos com ele. O comportamento envolve os códigos de cortesia, a forma de falar, de andar, de se vestir, o modo como se usa o espaço urbano. O benefício seria uma recompensa conquistada desse comportamento.

Em outras palavras é como se cada sujeito ao se apropriar de um espaço urbano “assinasse um contrato” - concordando com suas cláusulas de comportamento - e ganhasse o direito de usufruir o espaço urbano em que se encontra. Agindo dessa forma, o indivíduo estaria se responsabilizando em construir a vida cotidiana na localidade na qual está inserido. Mayol (2009, p.47) reforça esse pensamento ao afirmar que “a prática do bairro é uma convenção tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através desses códigos de linguagem e do comportamento.”

São esses códigos que vão reprimir o que não convém fazer ou não num bairro; acabam que por determinar as regras do uso social, entendendo esse social como o espaço do outro. Assim contribuem para o processo de educação implícito a todo grupo social fazendo com que cada indivíduo gerencie e se comprometa com o que está acontecendo em seu bairro.

Para se tornar essa figura que colabora com a ordem social do bairro e a manutenção do mesmo é preciso que esse sujeito crie uma relação de confiança entre ele, o bairro e sua vizinhança. Isso se dá através da presença e da conversa com inúmeras pessoas. Essa confiança é construída ao longo do tempo a partir dos

inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas que variam desde um bom dia até, por exemplo, uma troca de impressões sobre cachorros. Aparentemente despreziosos, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas podem favorecer o surgimento da vida social do local.

A vivência no espaço está extremamente ligada à inserção de um sujeito no meio social que o compõe. Portanto, é interessante que ao se instalar num bairro esse indivíduo possa levar em conta o meio social no qual fará parte (Nem sempre é possível fazê-lo!).

Mas, não é isso que acontece no Catumbi atualmente. Segundo a minha experiência e segundo relatos de alguns moradores novos, morar no Catumbi não foi exatamente uma escolha, mas sim uma falta dela. Assim como a minha família, essas pessoas buscavam um lugar para morar que primeiramente se adequasse aos seus rendimentos mensais e depois que fosse o mais próximo possível da zona sul e do centro da cidade. É a primeira opção delas foi o Catumbi! Porém, essa “preferência” ao bairro se deve pelo fato dessas pessoas - inclusive a minha mãe - já terem morado no Catumbi em algum momento de suas vidas – infância, adolescência. Talvez essas escolhas tenham sido motivadas por uma certa familiaridade com bairro e pela conseqüente conveniência que isso gera.

O vínculo desses moradores com o bairro pode ser considerado algo bem restrito, pois ao se mudarem já tinham a consciência de que o Catumbi não era mais o mesmo. Encontraram um bairro apático, monótono, estigmatizado pelo fantasma da violência. Para eles a prática social se dá através das trocas de cordialidades e o espaço urbano serve apenas como um local de passagem. Dessa forma a experiência corporal diminui e criam inconscientemente um não-lugar.

O não-lugar é um espaço em que as noções de identidade, relação, história não existem; são espaços que não estimulam a permanência de pessoas. Por isso, torna-se imprescindível a experimentação e a prática do espaço – seja coletiva ou individual. E é essa prática que vai resultar na constituição da identidade cultural do lugar e na composição do fazer social. Mayol (2009, p.40) fundamenta esse fato ao dizer que “o bairro constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido.”

Um bairro precisa agir como um ímã sobre a população local para só assim estimular a permanência de pessoas. Além disso, deve proporcionar diversas formas de interação para que um sujeito queira permanecer no local mediante a mudanças ocorridas em sua vida pessoal como, por exemplo: aumento de renda proveniente de uma promoção no trabalho, ampliação da rede social. No Catumbi hoje ocorre justamente contrário, ele tem o poder de afastar as pessoas, de criar moradores desenraizados. Sendo assim muitos moradores que conseguem melhorar a sua condição financeira para se mudar o fazem. E após essa concretização da mudança, esses antigos moradores “esquecem” que já moraram no Catumbi e referem-se a ele como sendo um passado negro de suas vidas.

O que faz o Catumbi ser um bairro tão ruim para seus moradores? De acordo com alguns relatos o Catumbi é um bairro feio, bagunçado, sujo e violento. Atualmente as condições desagregadoras do Catumbi podem ser identificadas como: o não comprometimento com as regras de comportamento que envolvem o local, a falta de preservação e manutenção do bairro, a falta de magnetismo que o Catumbi tem perante seus moradores.

Para que se crie uma afinidade com o bairro é preciso que seus moradores mantenham vínculos com a identidade cultural do bairro – por isso a importância de se analisar o meio social no qual possivelmente fará parte. São as práticas sociais cotidianas que o sujeito exerce constantemente que o ajudarão a criar o sentimento de pertencimento.

Ou seja, o espaço urbano foi feito para ser praticado e não para servir às nossas representações e projeções. É a corpografia nesse espaço que revela as micropráticas das vivências nos lugares. São os transeuntes, errantes, pedestres que enchem e preenchem o vazio deixado pelo esquecimento e desconhecimento das práticas sociais, da estrutura do comportamento do cotidiano que envolvem o espaço urbano.

Capítulo 3: O Catumbi

3.1. Histórico

Catumbi é um bairro da cidade do Rio de Janeiro situado entre o centro e a zona sul da cidade tendo como bairros limítrofes Rio Comprido, Santa Tereza e Estácio. Segundo apontam estudiosos, o Catumbi surgiu em meados da década de sessenta do século dezoito graças a um desmembramento que ocorreu no bairro de Santa Tereza. Seu nome surgiu devido a um rio – chamado antigamente de Catumbi e conhecido hoje como rio Coqueiros - que descia das encostas de Santa Tereza.

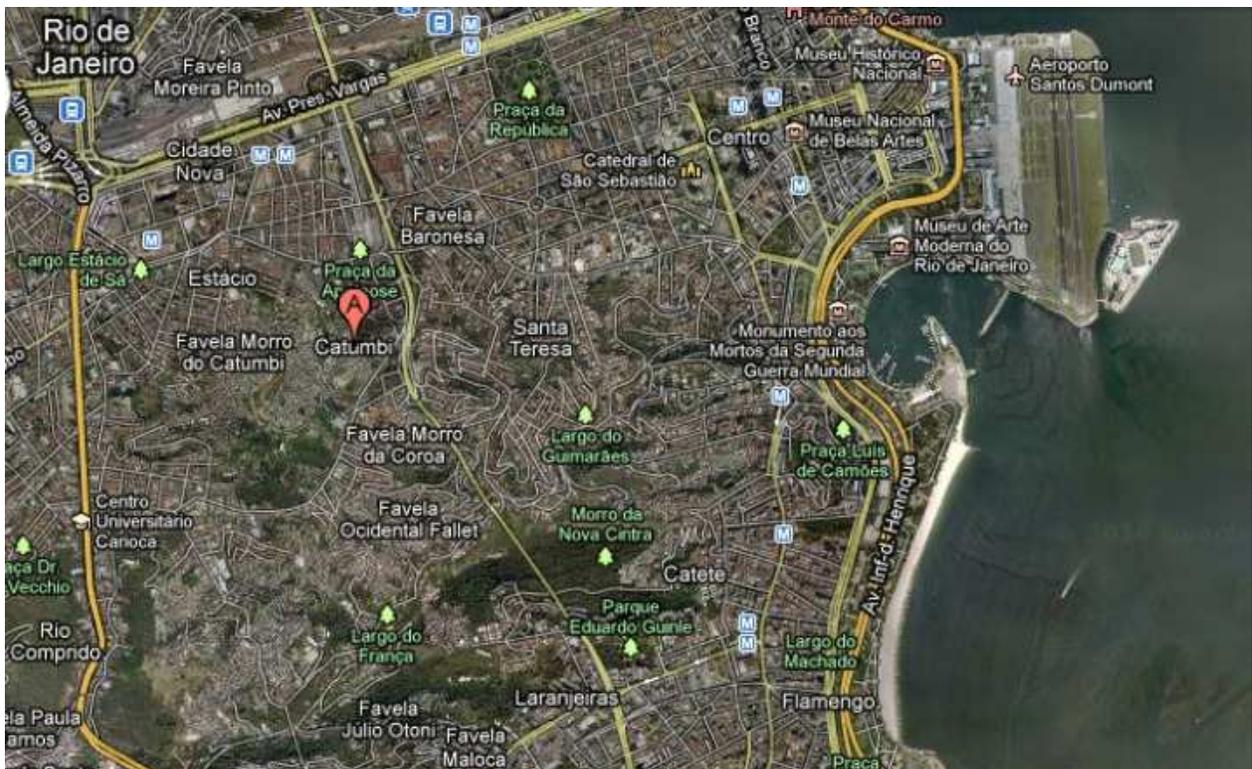


Figura 4: Mapa com a localização do Catumbi e entorno – Rio de Janeiro/RJ

O bairro está localizado em um vale e esse fator juntamente com o crescimento desordenado da cidade ajudou no processo de favelização do Catumbi. Atualmente o local é composto por várias favelas chegando a formar um complexo. São elas: Mineira, Coroa, Fallet, São Carlos.

Antes da sua ocupação, ou melhor, antes de se tornar um bairro, as terras do Catumbi foram doadas para os Jesuítas. Em 1759 com a expulsão dos mesmos das colônias portuguesas, todas as áreas ocupadas por eles na cidade do Rio de Janeiro foram sendo povoadas dando origem a bairros. A chegada da Família Real no Brasil em 1808, também trouxe impactos não só para a cidade como um todo, mas também para alguns bairros em particular, entre eles o Catumbi. Diversas áreas de mangue e pântano foram aterradas. Surgiram assim várias áreas de ocupação, inúmeras ruas foram abertas facilitando a expansão urbanística que daria origem a novas áreas da cidade do Rio de Janeiro.

No Catumbi havia muitas chácaras sendo que a do Barão do Chichorro resistiu ao tempo e existe até hoje na rua Emília Guimarães. Algumas delas deram origem a determinadas ruas do bairro conforme descreve Matos⁸ (2005, p.13 e 14):

chácaras existentes no Catumbi deram origem a algumas ruas do bairro como a de João Silva Guimarães, dentro de cujos limites abriu a rua Emília Guimarães (sua mulher) em 1879; a do barão do Canindé na qual surgiu a rua Carolina Reyder, nome de sua sogra; e a do desembargador Chichorro da Gama, onde ele mesmo abriu a rua do Chichorro

Com o decorrer do tempo, o bairro se desenvolveu e ganhou algumas construções que servem até hoje como pontos de referências, de identificação e até mesmo de socialização como veremos adiante. São elas: Cemitério São Francisco de Paula inaugurado em 1850 e o primeiro no Brasil a ser construído para não-indigentes; a Capela Nossa Senhora da Conceição (1886), a Igreja Nossa Senhora das Dores da Salette (1918), o túnel Santa Bárbara com o painel da artista Djanira da Mota e Silva⁹ (1963) o Viaduto Trinta e Um de Março (1967), o Sambódromo (1981) e a Fábrica do Açúcar Brasil. A capela e a fábrica foram desativadas e demolidas para dar lugar ao viaduto Trinta e Um de Março.

A população do Catumbi era composta por ricos proprietários de terra, escravos, ciganos e alguns renomeados artistas. Debret¹⁰ e, posteriormente, Moreira da Silva¹¹

⁸ Teórico que fez um estudo inédito sobre a história do bairro.

⁹ O painel encontra-se atualmente no Museu Nacional de Belas Artes.

¹⁰ Jean Baptista Debret famoso artista francês trazido por D. João VI que registrava nas pinturas as transformações que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro.

foram alguns deles. Com o passar do tempo devido às políticas de reurbanização e o crescimento desordenado, o perfil da população e do bairro do Catumbi foi sendo modificado.

O Catumbi por volta de 1960 era afetado constantemente por muitas enchentes graves que causavam mortes e imensos transtornos à população local. Esse problema só foi resolvido com a canalização do Rio Papa-Coves¹². Nesse mesmo período o bairro passou por uma grande valorização dos seus terrenos devido à proximidade do centro da cidade e pela facilidade de se chegar à zona sul graças a recente abertura do Túnel Santa Bárbara (1963).

Em 1967 dava-se início ao projeto de desapropriação da população local para a construção do viaduto Trinta e Um de Março que leva ao Túnel Santa Bárbara. Este projeto consistia em desalojar um grande contingente de famílias para dar lugar ao viaduto. No decorrer desse processo constatou-se que o número de moradores despejados seria muito maior do que se planejava. Como afirma Matos (2005, p.40):

no alvoroço da desapropriação, descobriu-se que o número de moradores a serem desapropriados seria muito maior do que se imaginava, devido às edificações locais serem casas de cômodos e diversas vilas, onde os lotes eram compridos - o que facilitava a construção de novas casas nos fundos dos terrenos, quando os filhos se casavam. Ao todo foram retiradas 1680 famílias.

Os proprietários receberam indenizações, mas estas não eram suficientes para comprar imóveis na região e muitos moradores acabaram se mudando para o subúrbio. Na época o Catumbi fez parte do Banco Nacional de Habitação¹³, mas os moradores do bairro não poderiam participar desse plano devido à falta de recursos. À medida que essas famílias foram se dispersando, as redes de confianças construídas ao longo do tempo também foram se dissipando. Santos e Vogel¹⁴ legitimam essa perda ao

¹¹ Moreira da Silva ou Kid Morangueira é considerado o maior compositor e intérprete de samba-de-breve de todos os tempos.

¹² Rio que corta o bairro e é afluente do Rio Catumbi. Este como foi explicado acima deu origem ao nome do bairro.

¹³ Sistema financeiro da época que visava financiar moradias para a população que morava no subúrbio e o qual o bairro do Catumbi foi contemplado.

¹⁴ Ambos os teóricos fizeram um estudo na década de 80 sobre o Catumbi e sua “vida” após o processo de desapropriação que resultou no livro “Quando a Rua Vira Casa”.

afirmarem que “demolir casas, afinal de contas, significa muito mais do que se desfazer abrigos. Significa, às vezes, derrubar um modo de vida.” (1981, p.40)

Antes desse projeto de renovação urbanística, o Catumbi caracterizava-se como sendo um bairro tranqüilo, muitas vezes comparado a uma cidade pequena, pois os moradores tinham uma relação de cumplicidade, confiança e solidariedade. As crianças faziam da rua a extensão de suas casas, o comércio era diversificado e existia uma rede de favores entre os donos dos estabelecimentos e os moradores. Havia uma conjugação entre trabalho e lazer e o clima do bairro era muito familiar.

A familiaridade ainda relatada por Santos e Vogel em seus estudos e tão descrita pelos antigos moradores do Catumbi foi se perdendo com o tempo, tendo como principal responsável o processo de reurbanização do bairro. Isto trouxe muitas conseqüências negativas, como por exemplo: demolição de casas que reduziu a possibilidade de troca entre as pessoas dando origem a espaços vazios; ruas e relações tornaram-se impessoais; retração do comércio e do movimento de pessoas; falta de segurança. Houve uma mudança brusca não só na rotina, mas nas relações sociais do bairro.

O jornalista Millor Fernandes num artigo para a Revista Veja de 1982¹⁵ relata a destruição do bairro:

... mas nada me doeu tanto como uma madrugada em que entrei no túnel Santa Bárbara esperando sair naquele universo eterno do Catumbi e o Catumbi tinha literalmente desaparecido, destruído por uma guerra que não destruiu Colônia, nem Chartes, nem Praga, nem Nantes. [...] em meia hora destruíram o verdadeiro coração da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, transformando o Catumbi em mais um viaduto...

Um dos possíveis motivos que contribuiu para a transformação social do Catumbi foi à mudança no perfil do morador. Segundo a descrição de um morador que está há quarenta anos no bairro, o Catumbi antigamente era composto por muitas famílias portuguesas que moravam e tinham estabelecimentos no bairro. O comércio era próspero e esses estabelecimentos estavam sempre em constante manutenção. Com a desapropriação a maior parte do comércio foi destruída e as famílias que cuidavam dos

¹⁵ Publicação de 5 de maio de 1982.

mesmos foram obrigadas a se mudar. O clima de familiaridade e confiança acabou. O Catumbi se tornou um lugar desvalorizado e conseqüentemente um outro perfil de população – com menos escolaridade e recurso financeiro - surgiu e se apropriou do espaço do bairro.

Um outro aspecto que assolou a cidade do Rio de Janeiro e afetou diretamente o Catumbi foi o processo de favelização¹⁶. Como esboçado anteriormente o Catumbi é rodeado por várias favelas, mas não foram estas em si que ajudaram a construir a imagem negativa que o local tem. O que de fato contribuiu para isso foram os constantes tiroteios entre as facções rivais dessas comunidades pobres que cercam o bairro e entre bandidos e polícia devido às incursões que os policiais faziam de vez quando. Além de alguns delitos cometidos¹⁷ no Catumbi por esses mesmos bandidos.

Todos esses fatores transformaram o morar no Catumbi um estigma para mim e para alguns de seus moradores. Morar no bairro passou a ser algo ruim, virou sinônimo de medo e de pobreza. De medo porque muitas pessoas evitavam o bairro com receio de que algum mal lhes acontecesse. E de pobreza pelo fato de o Catumbi ter se tornado um local degradante – mesmo se o morador tivesse uma condição financeira boa.

Segundo moradores no Catumbi os maiores problemas do bairro são os mendigos, as ocupações desordenadas, as edificações mal conservadas, o tráfico de drogas e a falta de lazer, de comércio e da prestação de serviços de qualidade. Sem mencionar a constante da falta de educação das pessoas devido ao desconhecimento das regras de comportamento que regem esse espaço urbano. Jacobs fundamenta essa questão - mesmo tratando-a em outro contexto - ao afirmar que “degradação, crime e outras formas de decadência urbana são sintomas superficiais de um fracasso econômico e funcional mais profundo do bairro.”(2009, p.107)

Entretanto um fato que me chamou a atenção: mesmo considerando o bairro um lugar ruim por que algumas pessoas ainda “optam” por morar nele? De acordo com a minha experiência, com alguns moradores que entrevistei e com algumas análises

¹⁶ O governo de Pereira Passos (1902-1906) em muito contribuiu para o deslocamento da população mais pobre do centro do Rio de Janeiro para as encostas dos morros.

¹⁷ Assaltos a transeuntes, a veículos parados nos engarrafamentos do Túnel Santa Bárbara são exemplos desses delitos.

feitas a partir de uma discussão que ocorreu numa rede social sobre “O que te faz morar no Catumbi” percebe-se que os habitantes se mudam graças ao trunfo que tem o Catumbi: sua localização. A grande maioria disse que mesmo o bairro sendo um lugar carente de comércio, de lazer, ele está perto de tudo o que essas pessoas costumam fazer em seus cotidianos (faculdades, bancos, praias, parques, restaurantes, cinemas, shoppings centers, estádio de futebol). Ainda afirmam que muitos bairros da cidade do Rio de Janeiro não possuem esse privilégio que o Catumbi tem. E eu como antiga moradora legitimo o que foi dito acima. Desde de que eu me mudei do bairro há um ano meu percurso para a faculdade aumentou em quinze minutos e a localização do Catumbi é a coisa que sinto mais falta.

Nesse ano de 2011 o bairro passou por mudanças significativas. Foram instaladas UPPs¹⁸ nas comunidades que o cercam – São Carlos, Mineira, Coroa, Fogueteiro e Fallet. Ao andar pelo bairro e ao conversar com moradores percebe-se que o Catumbi está aos poucos melhorando. Famílias que antes ficavam presas nas favelas com receio de algum tiroteio repentino estão descendo para o bairro e exercendo as suas práticas sociais cotidianas. Dessa maneira os moradores alimentam e enriquecem ainda mais a vida do bairro.

Além das UPPs outras mudanças vem acontecendo no Catumbi. O comércio localizado no largo do Catumbi está se renovando. Há dois salões de beleza, uma loja de doces, uma academia de ginástica, uma loja de bebidas, uma loja de roupas que começou pequenininha e já se expandiu. Alguns estabelecimentos antigos, degradados estão se reformulando, os imóveis já valorizaram. Além disso, o bairro poderá contar com uma creche e um hospital. O Sambódromo também está se renovando! Até a Igreja Nossa Senhora das Dores da Salette ganhou um novo pároco que vem fazendo um trabalho de educação com os moradores do Catumbi.

Ou seja, o bairro aos poucos está melhorando. Talvez o Catumbi não volte a ser aquele da década de 60 com um comércio diversificado e com um clima familiar. O importante é que o Catumbi se torne atraente para grande parte de seus moradores para só assim haver um reflorescimento da vida social do bairro.

¹⁸ UPP – Unidade de Polícia Pacificadora é um projeto do governo do estado que consiste na ocupação permanente da favela pela polícia que visa combater a criminalidade, o tráfico de drogas beneficiando a população na localidade em que forem instaladas.

3.2. Práticas Sociais

A sociabilidade no Catumbi já foi muito mais intensa do que é hoje. O bairro era considerado o reduto do samba e abrigou importantes blocos carnavalescos como: o Bafo da Onça, fundado em 1956; o Vai-Quem-quer; grupo dos Zapatas; e o Rancho Carnavalesco União dos Caçadores, cujo modelo e estrutura serviram de modelo para o surgimento das escolas de samba em 1932. Segundo relatos, o carnaval que acontecia nessa época atraía inúmeras pessoas para o Catumbi; suas ruas e suas calçadas eram tomadas por essa multidão de gente. Nessa época o túnel Santa Bárbara, o viaduto Trinta e Um de Março e o Sambódromo não tinham sido construídos.

Quando os desfiles de escolas de samba passaram a ser realizados no Sambódromo – que no começo era montado e desmontado para o Carnaval – a concentração dessas escolas acontecia em frente ao conjunto de prédios na rua Itapiru. De acordo com moradores, enquanto os integrantes aguardavam a sua hora de entrar na avenida alguns deles costumavam pedir favores como usar o banheiro e beber água. A maioria abria a sua casa e ajudava a quem precisasse sem nenhum receio.

Entretanto, houve uma mudança na celebração do Carnaval. Uma prática que antes era democrática, que acontecia nas ruas do bairro, tornou-se algo privatizado, só participando do maior carnaval do mundo aqueles que pudessem pagar caro por um ingresso no Sambódromo. Além disso, o acesso para o Catumbi nessa época do ano fica super comprometido, pois as vias mais importantes para o bairro são interditadas e conseqüentemente os moradores são prejudicados.

Nem só de samba vivia o bairro. O Catumbi tinha uma população significativa de ciganos que contribuía ainda mais para a diversidade social e cultural do local. Estes tinham o hábito de se sentar nas portas de suas casas para olhar o movimento e integrar-se com os moradores. Esse hábito perdura até hoje em alguns locais do bairro, mas em pouco se compara ao que era. Dizia-se que seus casamentos eram muito festivos. As mulheres costumavam usar muito pó de arroz, vestidos em que predominavam os tecidos com brilho e muito ouro. A vaidade das ciganas encantava a maioria das mulheres do bairro.

O cemitério São Francisco de Paula, mais conhecido como cemitério do Catumbi, e que pertenceu à Coroa Portuguesa, fomentou por um tempo as práticas sociais do bairro já que os enterros naquela época eram sinônimos de socialização destinados à nobreza. Duque de Caxias e Francisco Manuel Silva, autor do Hino Nacional Brasileiro, foram às figuras mais nobres enterradas lá.

A extinta capela Nossa Senhora da Conceição, demolida para dar lugar à modernização do bairro, realizava todo o dia 08 de dezembro a coroação da Virgem Maria. Esta celebração contava com meninas vestidas de anjos e com uma quermesse após a coroação. Com isso grande parte da comunidade do Catumbi era mobilizada para esse “evento”, seja para confeccionar a vestimenta dessas meninas, seja para ajudar na quermesse. Já a igreja Nossa Senhora da Salette celebrava anualmente a Festa do Divino. Tinha o mesmo molde da coroação da Virgem Maria. Só que antes da quermesse havia uma pequena procissão pelo bairro.

O bairro também contava com um circo que se instalava de vez em quando na rua do Chichorro, com o futebol que acontecia no topo do morro da Coroa, com disputas de Quadrilhas durante a época de Festa Junina, com a turma do balão que atraía gente de todos os cantos da cidade para soltar balão perto do viaduto Trinta e Um de Março. Além disso, o local possuía um comércio diversificado com inúmeras lojas, consultórios médicos, fábricas. Havia também uma feira que acontecia semanalmente no bairro.

O Catumbi antes da construção dos equipamentos urbanos – principalmente Viaduto e Sambódromo – era sinônimo de alegria, de trocas, de intensas e diversas práticas sociais. Os moradores mais antigos referem-se ao Catumbi do passado com um certo saudosismo. Sabe-se que o bairro passou por inúmeras transformações, mas tudo indica que ‘um antigo Catumbi’ ainda é forte na mente de muitos de seus usuários.

Para compreender melhor as mudanças que o bairro sofreu e a nova identidade que assumiu, foi preciso realizar entrevistas com alguns moradores do Catumbi. No total foram entrevistados vinte e três moradores com a faixa etária mais variada. Entretanto, todas essas pessoas já moravam no bairro há mais de dez anos. Através da análise desses depoimentos procurei flagrar a “nova” imagem do bairro.

Percebe-se, segundo esses relatos, o Catumbi como um bairro que é mal assistido tanto pelo governo como pelo estado, e que quando há melhorias estas só ocorrem por causa dos interesses desses mesmos políticos, como é o caso das implementações das UPPs. O bairro apresenta alguns sinais de abandono: calçadas mal-conservadas, ruas escuras, casarões históricos degradados, carência de áreas de lazer para a população.

No decorrer das entrevistas notei que as políticas que são implementadas no bairro visam a modernização, a melhoria do local, porém acabam destruindo as poucas áreas de lazer do bairro. Por exemplo, logo após o Túnel Santa Bárbara uma creche foi inaugurada e futuramente a prefeitura vai construir a Clínica da Família, ambos em um espaço onde anteriormente, nesse espaço havia um campo de futebol no qual moradores de Santa Tereza e do Catumbi se encontravam para “bater uma bolinha”.

Já perto do Trailer da Regina, um dos lugares de socialização do bairro, havia mesas para os idosos jogarem cartas. A prefeitura alegou que esse espaço não tinha autorização e destruiu tudo. Atualmente esse lugar que poderia ser um local das práticas sociais dos idosos, está ocupado por carros sucateados. O complexo desportivo onde as crianças costumavam soltar pipas, primeiro virou moradia de mendigos e agora virou estacionamento dos caminhões da Comlurb.

Ou seja, tentativas de melhorar o Catumbi que acabam de certa forma por dificultar a vida social do bairro. Por um outro lado, certos espaços vão ganhando outros usos. O cemitério por muitas vezes já foi sinônimo de lazer, pois algumas crianças costumavam soltar pipa e pegar flores de suas árvores. A praça que fica ao lado do edifício em que morei, já foi cenário de muitos aniversários, de encontro dos antigos moradores. Várias ruas passaram a atuar como um playground para as crianças devido à falta de opção de espaços de lazer no bairro.

Por outro lado, a implementação das UPPs nos morros que rodeavam o Catumbi trouxe algumas melhorias para o local. A guerra entre as facções rivais¹⁹ que ocupavam essas comunidades acabou. A circulação de armas e drogas diminuiu significativamente. Hoje os relatos são de pequenos delitos.

¹⁹ Em 2007, houve um intenso tiroteio entre as facções rivais que assustou grande parte dos moradores do bairro, impossibilitando-os de prosseguirem com as suas rotinas. Esse fato repercutiu em todo o país tendo destaque nos maiores meios de comunicação.

Antes dessa medida do governo, 61% dos entrevistados apontaram que já se sentiram constrangidos por dizerem que moravam no Catumbi, principalmente na hora de pegar táxi. O bairro era associado constantemente a violência, a tiroteio, a insegurança. Para 26% as UPPs são sinônimos de uma falsa tranquilidade e acham que tudo voltará após o término dos mega-eventos na cidade – Copa e Olimpíada. Já para os outros 74%, o Catumbi está mais seguro, mais tranquilo e já há uma perspectiva de melhora.

Essa melhoria está se refletindo aos poucos no bairro. O comércio, tão criticado pelos entrevistados por sua falta de opção, está se desenvolvendo gradativamente. Os imóveis valorizam em torno de 150%. Em 2007, um apartamento num determinado prédio estava avaliado em mais ou menos R\$ 60.000. Em 2011, esse preço saltou para R\$ 160.000. Os moradores de rua que “moravam” no complexo desportivo do viaduto e os consumidores de crack na praça do largo do Catumbi que contribuíam para imagem de abandono sumiram. Entretanto, o problema do lixo é um outro aspecto que degrada e que ainda precisa ser resolvido. Segundo um padre da Igreja Nossa Senhora da Salette, o Catumbi esse ano foi considerado o bairro mais sujo da cidade do Rio de Janeiro e de acordo com o jornal on line Folha do Centro a terceira região administrativa (que envolve entre outros bairros o Catumbi) é a terceira região que mais produz lixo na cidade.

Mesmo com todos os problemas que o Catumbi apresenta, seja falta de opção de comércio, carência de áreas de lazer, sujeira, mudança no perfil do morador, retração das práticas sociais do bairro, 48% dos entrevistados não trocariam o bairro. Primeiro, pelo ponto forte que é a sua localização, segundo pelo clima de familiaridade do Catumbi. Essas pessoas já dominam os trajetos do local, já sabem que lugares freqüentar e quando podem fazê-lo, e o principal: já são conhecidos no bairro. Isso acaba gerando uma certa segurança para esses moradores e transferir essas “conquistas” para outras localidades pode ser sinônimo de insegurança e conseqüentemente de uma privação da vida social.

Conclusão

Através do presente trabalho nota-se que os projetos de reurbanização do Catumbi raramente favoreceram o bairro e a população local. Muito pelo contrário, eles destruíram as ruas, o rico comércio, modificaram o modo de vida da população local dificultando suas práticas cotidianas. Os moradores do bairro tiveram que recriar seus trajetos, seus hábitos cotidianos e os que permaneceram no bairro foram “obrigados” a refazer suas redes sociais. Muitos foram os transtornos para a população do Catumbi.

Os estudos de Jane Jacobs apontam questões bem próximas:

Para que tais maravilhas sejam executadas, as pessoas estigmatizadas pelos planejadores são intimidadas, expropriadas e desenraizadas, como se eles fossem o poder dominante. Milhares e milhares de pequenos negócios são destruídos, e seus proprietários, arruinados, e dificilmente recebem qualquer compensação. Comunidades inteiras são arrasadas e lançadas ao vento. (2009, p.3)

Entretanto esses problemas do Catumbi assolam a grande maioria dos projetos urbanísticos. Estes, ao invés de analisarem os impactos sobre uma determinada população, se preocupam mais em embelezar um local e torná-lo mais rentável. Esse é o caso do Projeto Porto Maravilha da cidade do Rio de Janeiro. Com o intuito de transformar uma área antes considerada degradada em atrativo turístico, os órgãos envolvidos nesse empreendimento estão desconsiderando as possíveis mudanças que podem afetar e muito a vida dessa população. Dizem que alguns moradores estão sendo ameaçados se decidirem permanecer no local

Os meios que muitos projetos urbanísticos utilizam são incapazes de conter a falta de vitalidade de certos locais. Cada vez mais um número maior de bairros tornam-se decadentes justamente nas áreas em que menos se espera isso aconteça.

Por isso, é imprescindível a preocupação com a questão cultural nos projetos urbanísticos buscando-se resguardar o que envolve a vida cultural de um local fomentando cada vez mais suas diferentes práticas e apontando-se a importância da manutenção da diversidade cultural de determinada localidade.

Como apontava Michel de Certeau os urbanistas precisam perceber a importância de se “praticar” a cidade, pois um lugar só tem sentido quando o

experenciámos. Dessa maneira se evitaria que as trocas sociais decorrentes e percebidas nessa experimentação se perdessem no processo de urbanização.

Se a valorização da questão cultural estivesse presente no projeto de urbanização do Catumbi talvez o bairro não tivesse sofrido mudanças tão bruscas. Provavelmente se acharia uma outra alternativa que atendesse tanto aos interesses do poder público como aos de seus moradores. Por isso, é fundamental que ao se pensar em reurbanizar uma área deve-se levar em conta a opinião dos moradores, em como determinados equipamentos urbanos influenciarão o cotidiano dessas pessoas, se este vai ser útil, se vai agregar mais convivência etc.

O Catumbi sofreu transformações significativas na sua intrincada rede social. A mudança do perfil do morador proveniente das desapropriações em massa modificou a identidade cultural do bairro. Entretanto o clima de familiaridade tão relatado pelos moradores entrevistados tanto nesta pesquisa como por Santos e Vogel em sua publicação “Quando a Rua Vira Casa” ainda permanece no Catumbi. Talvez essa característica tenha sido preservada pela morfologia do bairro, ou pela prática cotidiana exercida pelos seus moradores.

No decorrer dessa pesquisa, minhas impressões sobre o bairro do Catumbi mudaram. As práticas sociais que realizei no local me mostraram que não há somente um clima de decadência. Se antes minhas expectativas iam em direção de que o Catumbi se parecesse com um local espetacularizado, hoje percebo que é provável que a riqueza do bairro esteja no simples fato dele ser um lugar opaco que preserva o clima de familiaridade. Conclui que a decadência do Catumbi é remediável desde que o poder público manifeste interesse real pelo local. A implementação das UPPs nas comunidades que cercam o bairro, bem como serviços básicos trazidos por esta, estão ajudando a dinamizar gradativamente a vida social e econômica do Catumbi, mas ainda há muito a se fazer.

BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Não –lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

CERTEAU, Michel de. *Práticas do espaço*. In: _____. *A invenção do cotidiano*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009, v 1, p.169-217.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Políticas Culturais*. 3ª ed. São Paulo, Iluminuras, 2004.

FERNANDES, Millôr. *Rua ta, quadra por aí assim, nº 100, andar 1000, apartamento milhão, não sei onde*. *Revista Veja*, Rio de Janeiro, p 14-14, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência*. In: *Cadernos PPG-AU / FAUFBA*. Ano 5, nº especial. Salvador UFBA, 2007.

_____. *Corpografias urbanas – o corpo enquanto resistência*. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n.5, p.47-57, 2008.

MATOS, Mauro. *Catumbi, um bairro do tempo do império*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Turismo, Coleção Patrimônio Turístico, v.2, 2005.

MAYOL, Pierre. *Morar*. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009, v 2, p.37-207.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

_____; VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3ª ed. São Paulo: Projeto Finep/IBAM, 1985.

SOARES, Joyce dos Santos. *O espaço urbano e a sociabilidade: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro*. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural), UFF, Niterói, 2010.

VAZ, José Carlos. *Os muitos centros de uma cidade*. Instituto Pólis, 1994.

_____; JUNIOR, José Geraldo Simões. *Vida nova para os centros urbanos*. Instituto Polis, 1995.

<http://www.sebrae.com.br/customizado/desenvolvimento-territorial/o-que-e/capital-social>

- acessado em 25.04.2011

<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2006/09/voc-tem-medo-do-catumbi.html>

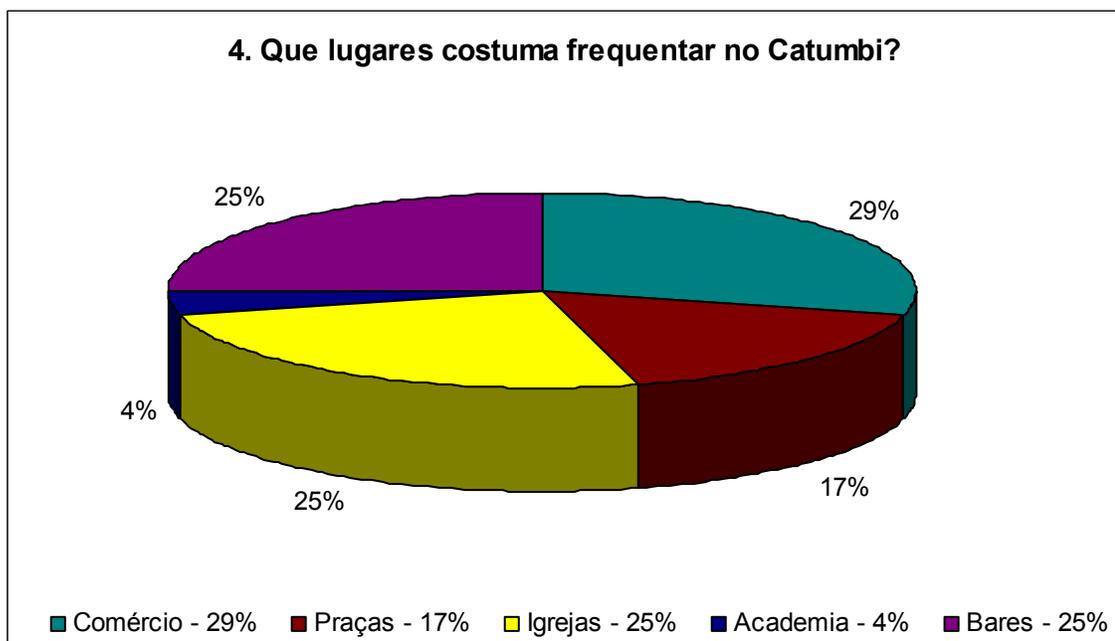
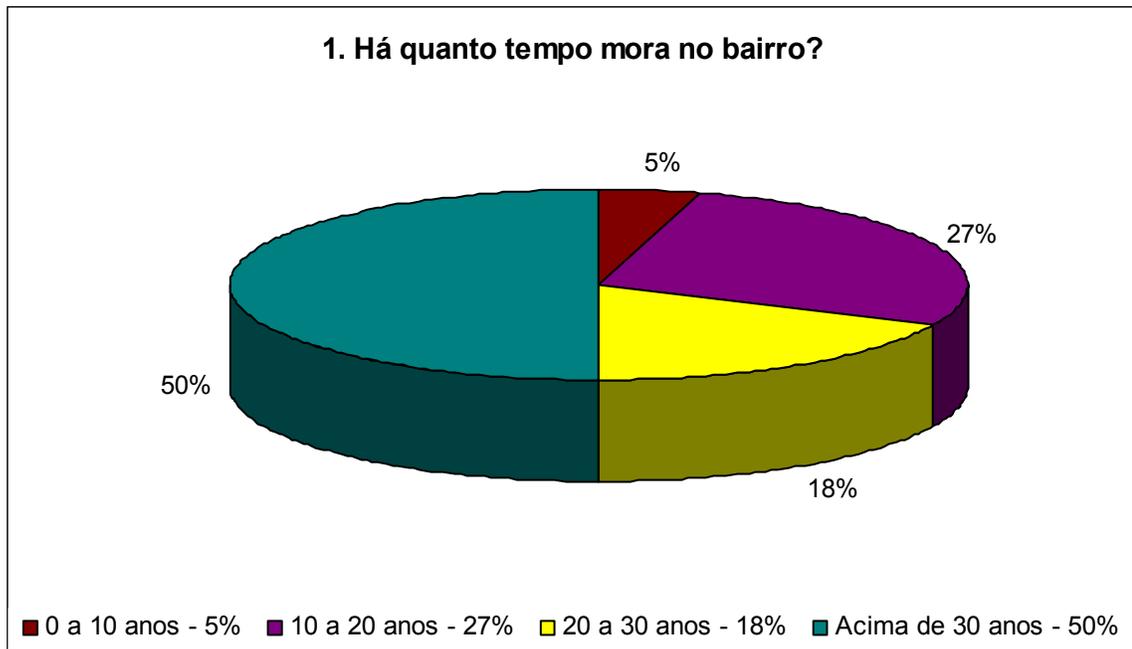
- acessado em 30.05.2011

<http://www.bairro.catumbi.nom.br/catumby.htm> - acessado em 14.06.2011

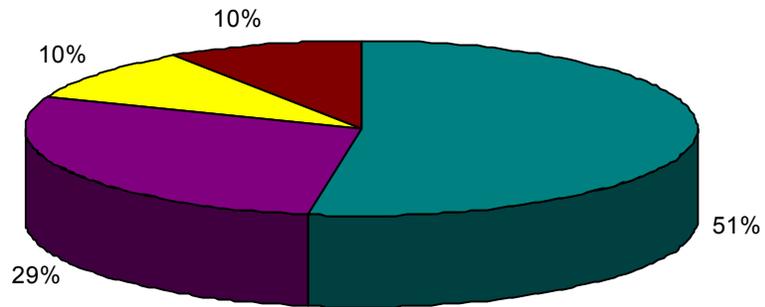
ANEXO 1:**1.1. QUESTIONÁRIO****NOME:****IDADE:**

1. Há quanto tempo mora no bairro? Conhece a sua história?
2. Quais são as melhores e piores lembranças do bairro?
3. Que lugares costuma freqüentar no Catumbi?
4. Conhece os demais moradores?
5. Para você quais são os pontos de referência do Catumbi?
6. Já sofreu preconceito ou se sentiu constrangido por morar no Catumbi?
7. Alguma vez teve dificuldade de explicar aonde fica o Catumbi?
8. O Catumbi é bem assistido pelas autoridades?
9. O que mudou no Catumbi após a implementação das UPPs?
10. Trocaria o bairro? Por quê?
11. O que mudaria no bairro?
12. O Catumbi é sinônimo de...

1.2. RESULTADOS

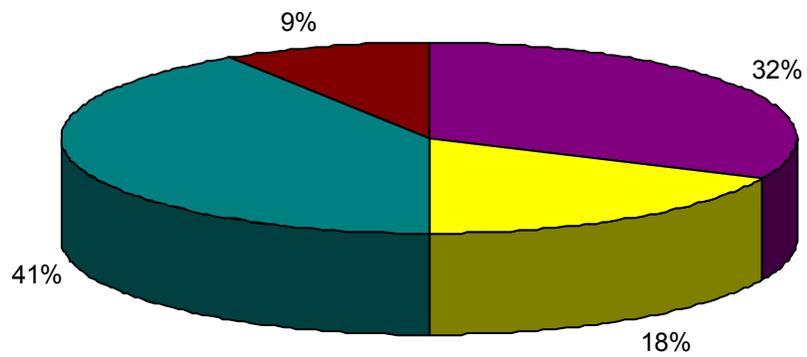


5. Familiaridade entre os moradores



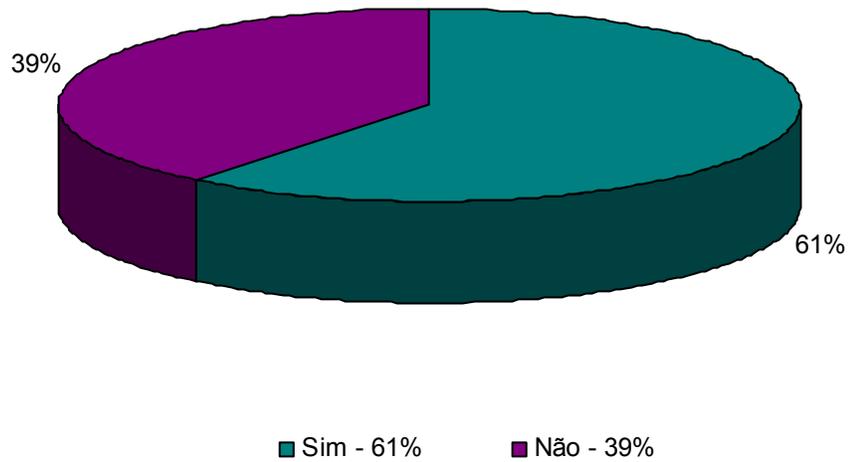
■ Conhece quase todos 51% ■ Conhece muitos - 29%
■ Conhece alguns- 10% ■ Não conhece quase nenhum - 10%

6. Pontos de referência do bairro

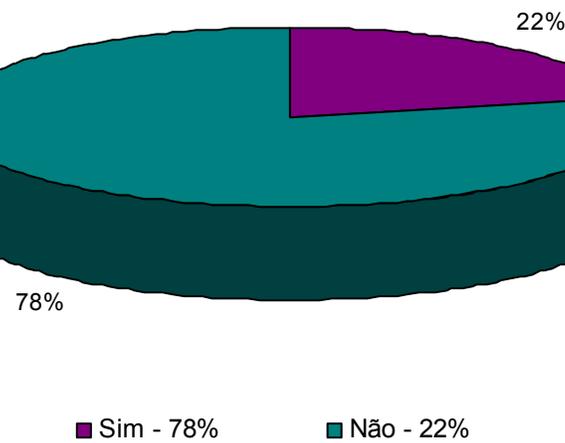


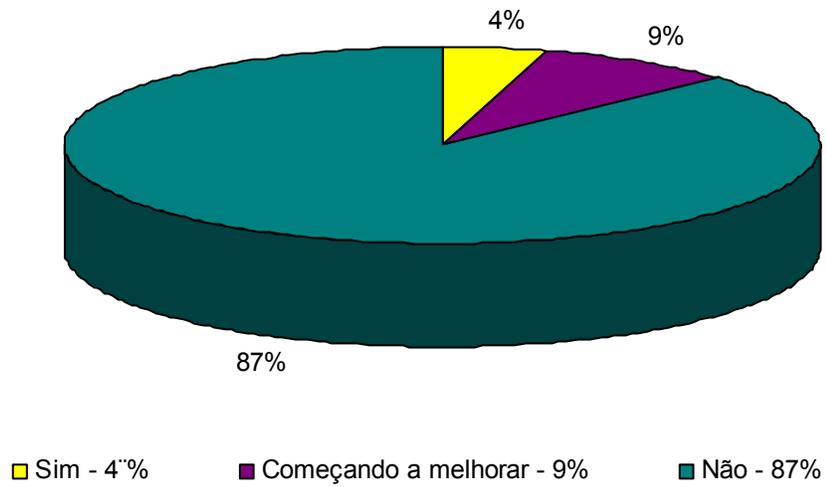
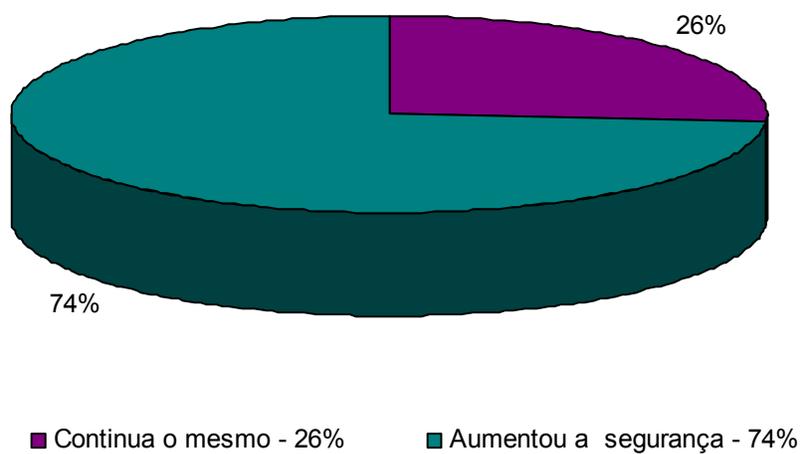
■ Sambódromo - 32% ■ Túnel/Viaduto - 18% ■ Cemitério - 41% ■ Outros - 9%

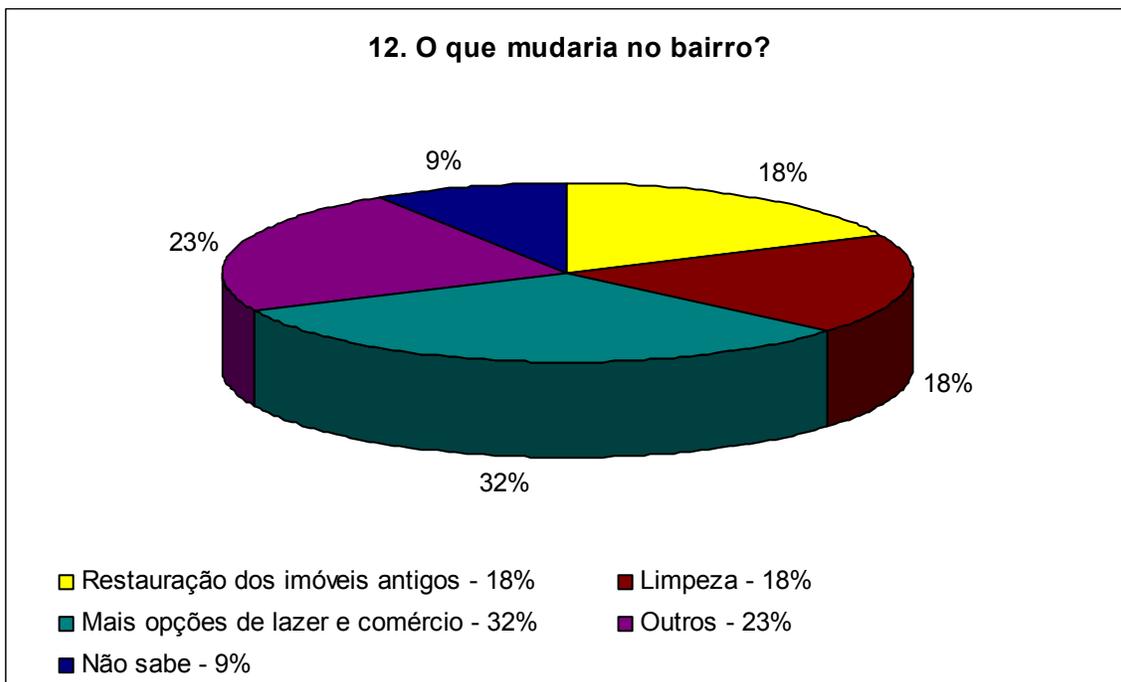
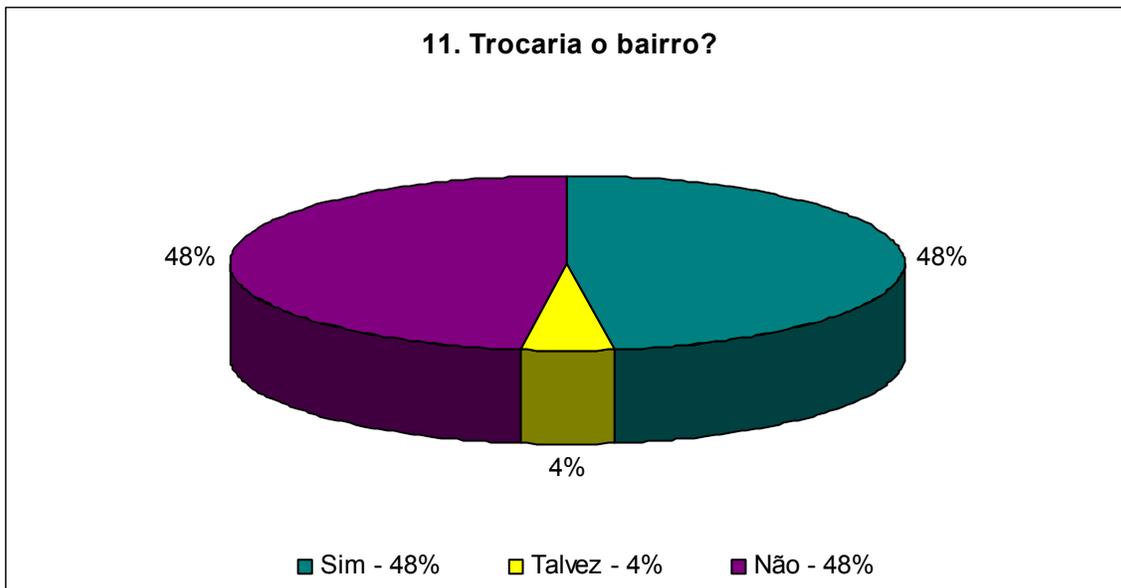
7. Já sofreu preconceito por morar no Catumbi?



8. Dificuldade de explicar a localização do Catumbi



9. O bairro é bem assistido pelas autoridades?**10. Houve alguma mudança após as UPPs?**



ANEXO 2:

MILLÔR

Desculpem, mas, vendo o que aconteceu no presídio em São Paulo, é impossível não lembrar aos nossos juristas-de-dedo-no-gatilho que matar o cão não cura a raiva.

Rua tal, quadra por aí assim, n.º 100, andar 1 000, apartamento milhão, não sei onde

Onde foi que eu nasci, e há quanto tempo? Os moços da Urbanização nunca me perguntaram, ao derrubarem o Catumbi, o morro do Castelo, o morro de Santo Antônio, tantos morros aterrando tantos mares, o Rio é uma longa história de morros aterrando mares. Já me lembro — eu nasci no Meyer, antigo bairro do outrora Rio, mas nada me doeu tanto como uma madrugada em que entrei no túnel Santa Bárbara esperando sair naquele universo eterno do Catumbi e o Catumbi tinha literalmente desaparecido, destruído por uma guerra que não destruiu Colônia, nem Chartres, nem Praga, nem Nantes. A luta jurídica, pela desapropriação das casas do Catumbi, levou anos, mas luta jurídica não se vê nas ruas, não tapa o sol, não expulsa o cidadão de sua cidadania. Enquanto está nos foros. Mas quando a luta jurídica terminou — o Estado sempre ganha, o cidadão sempre perde, a justiça é cega mas tem muito tato — os moços botaram logo seus tratores na rua — a tecnologia de hoje *compensa* com sua rapidez todas as demoras burocráticas — e em meia hora destruíram o verdadeiro coração da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, transformando o Catumbi em mais um viaduto, como transformaram a maravilhosa Paulo de Frontin em mais um viaduto, mais um cemitério, mais uma faixa de asfalto, mais um nada clorótico, mais uma passagem, lugar para on-

de ninguém vai, de onde ninguém é, onde ninguém jamais estará. Há quanto tempo começou isso, meu Deus? Há mais de trinta guerras, todas sangrentas, as últimas mais divertidas porque já nos acostumamos e tem o "Jornal das oito". Que nome tinha eu, então? Acho que nasci um João qualquer, numa tarde de agosto ou num dia de maio, que me importa agora? Já me esqueci mesmo. Os cheiros já mudaram — todos — de lugar e o largo do Machado eu já nem sei mais onde foi, com o cinema São Luís também jogado nos espaços infinitos das deslembanças, a terra em volta calcinada e salgada para não se parecer com nada do que era antes, e "para que ali nada mais cresça". Eu conheço bem mais a escada que sobe da praça d'Espanha e vai dar lá em cima, em Trinità dei Monti, em Roma. Aqui, o tráfego foi todo remanejado, se é assim que se diz, e a todo momento se vai para onde não se quer, evitando-se as cidades pequenas e os seres humanos até lhes esquecer a forma e o contacto. E sempre nos respondem, com arrogância: "Para que Sete Quedas, céus, seis não lhes bastam?" E eu me pergunto, atônito: "Onde vive, onde mora essa canalha?" Certo não é aqui, ou não teria tal ânsia destrutiva. Há um espelho em que eu não me reconheço. E depois não querem violência. Como, se o homem brasileiro perdeu a identidade até do botequim da esquina?

